

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 20 • 2013

CARLOS RIBEIRO (1813-1882)

GEÓLOGO E ARQUEÓLOGO

Homenagem da Câmara Municipal de Oeiras
e da Academia das Ciências de Lisboa
nos 200 anos do seu nascimento



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

Editor Científico: João Luís Cardoso

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS

2013

Estudos Arqueológicos de Oeiras é uma revista de periodicidade anual, publicada em continuidade desde 1991, que privilegia, exceptuando números temáticos de abrangência nacional e internacional, a publicação de estudos de arqueologia da Estremadura em geral e do concelho de Oeiras em particular.

Possui um Conselho Assessor do Editor Científico, assim constituído:

- Dr. Luís Raposo (Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa)
- Professor Doutor João Zilhão (Universidade de Barcelona e ICREA)
- Doutora Laure Salanova (CNRS, Paris)
- Professor Doutor Martín Almagro Gorbea (Universidade Complutense de Madrid)
- Professor Doutor Rui Morais (Universidade do Minho)

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 20 • 2013

ISSN: 0872-6086

EDITOR CIENTÍFICO - João Luís Cardoso
DESENHO E FOTOGRAFIA - Autores ou fontes assinaladas
PRODUÇÃO - Gabinete de Comunicação / CMO
CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras
Fábrica da Pólvora de Barcarena
Estrada das Fontainhas
2745-615 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso e Autores

PAGINAÇÃO, IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Pentaedro, Lda. - Tel. 218444340

DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

O BRONZE FINAL NO NOROESTE PORTUGUÊS. UMA REDE COMPLEXA DE LUGARES, MEMÓRIAS E AÇÕES

Ana M. S. Bettencourt¹

1 - INTRODUÇÃO

Os dados que suportam este trabalho resultam de um intenso trabalho de investigações realizado no noroeste português, desde a década de 80 do século XX, sob a responsabilidade de vários investigadores e desenvolvido no âmbito de projetos das universidades do Porto e do Minho. Destacamos os realizados nas áreas montanhosas da serra da Aboboreira, em Baião e Marco de Canaveses onde se escavaram diversos povoados deste período (JORGE, 1988; SANCHES, 1995, FIGUEIRAL & QUEIROGA, 1988; QUEIROGA & I. FIGUEIRAL, 1989) e os da fachada mais ocidental que dão a conhecer um grande número de sítios arqueológicos com ocupações do Bronze Final nos vales dos rios Minho (MARQUES, 1985; SILVA, 1986), Lima (ALMEIDA *et al.*, 1981), Cávado (MARTINS, 1988, 1989, 1990; BETTENCOURT, 1999, 2000 a, 2000 b, 2000 c, 2001 a) e Ave (MARTINS, 1985; QUEIROGA, 1992; BETTENCOURT, 1999, 2001a; SAMPAIO *et al.*, 2008; SAMPAIO *et al.*, 2009; SAMPAIO, 2011; SAMPAIO & BETTENCOURT, 2011). Paralelamente desenvolvem-se projetos relacionados com a metalurgia que abarcam o Norte de Portugal (COFFYN, 1985; BOTTAINI, 2012).

Do conjunto destes trabalhos resultou uma periodização e taxonomia mais ou menos aceite pela totalidade dos investigadores em que os inícios do Bronze Final se iniciaria pelos finais do II milénio e terminaria pelos séculos VII ou inícios do VI a.C. Este período terminal, mal conhecido, corresponde a um momento de abandono de muitos locais. A partir desta data, apesar de existirem povoados quer de altura, quer de baixa altitude, denota-se uma alteração mais acentuada nas materialidades o que revela alterações culturais (BETTENCOURT, 2005 a, 2009). Afastamo-nos, assim, dos últimos modismos galegos que iniciam a Idade do Ferro no séc. X ou IX a. C., usando frequentemente os dados portugueses de forma acrítica, e acentuamos a diversidade do Noroeste, onde a mudança se efetua de forma lenta na fase final da Idade do Bronze, em relação às dinâmicas do sul.

2 - ESPAÇO, CLIMA E COBERTO VEGETAL

O Noroeste português insere-se no Maciço Hespérico, onde os relevos principais, em granitos hercínicos, se distribuem em anfiteatro do litoral para o interior. As cotas mais altas encontram-se nos cumes das serras que, da Peneda à Cabreira, se orientam de nor-noroeste para su-sueste, intervaladas por vales fluviais que constituem verdadeiros corredores de penetração, entre o litoral e o interior.

¹ Departamento de História da Universidade do Minho, Campus de Gualtar, 4710-057 Braga – Portugal. Investigadora do Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória” – CITCEM / UM. E-mail: anabett@uaum.uminho.pt

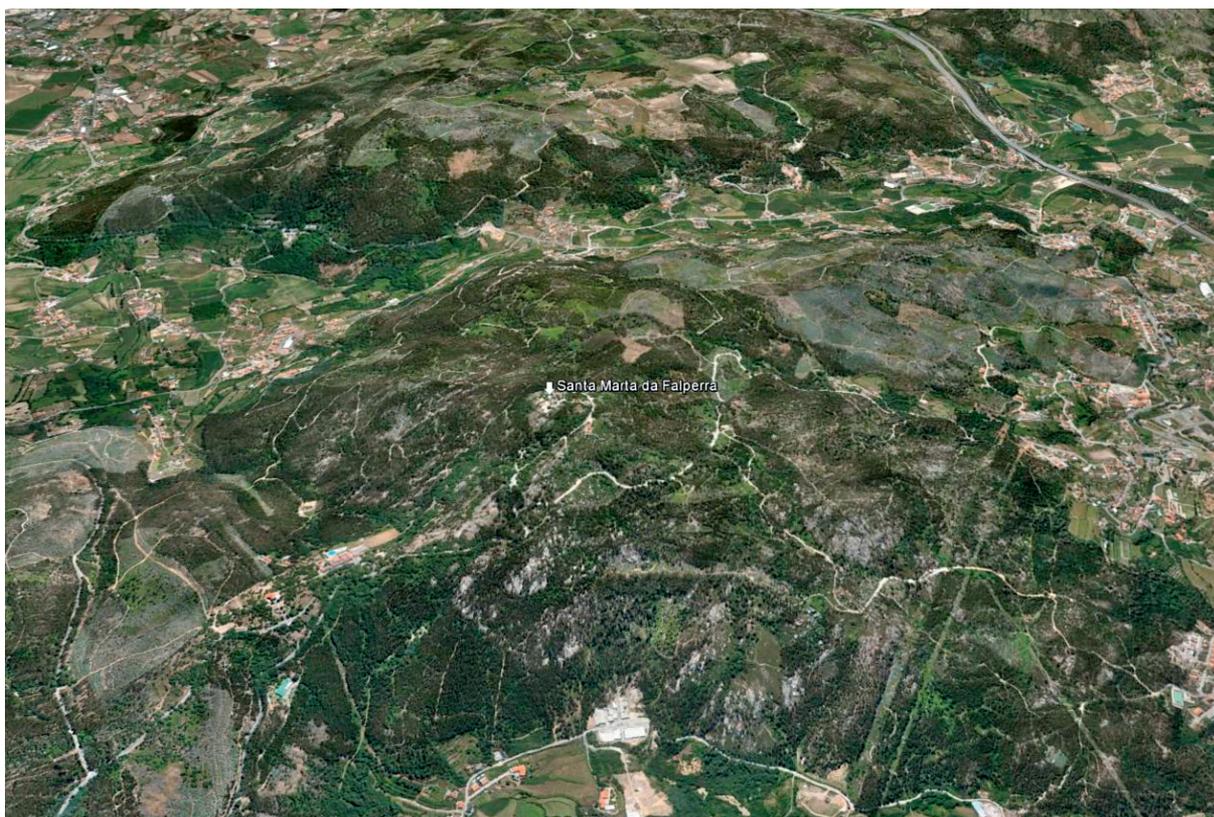


Fig. 1 – O povoado de altura de Santa Marta da Falperra, Braga, sobranceiro ao rio da Veiga.

Se a geomorfologia dos principais relevos da região permaneceu estável durante a Pré-história, o mesmo não poderá afirmar-se em relação ao litoral onde a linha de costa estaria mais para ocidente e os rios, mais cavados, teriam espelhos de água menos largos do que atualmente.

Minerologicamente o noroeste pertence à província metalogénica ante-hercínica ou hercínica do Maciço Hespérico, rica em minérios de estanho, de ferro, de ouro e de prata. As águas minerais, as argilas e o sal são outros dos recursos mineiros não metálicos abundantes na região.

Em termos paleoclimáticos e de coberto vegetal se, as duas primeiras etapas da Idade do Bronze se desenvolvem durante uma fase fria, seca e ventosa (FÁBREGAS *et al.*, 2003; MARTINEZ CORTIZAS *et al.*, 2009), o Bronze Final coincide com o início de um período mais quente e chuvoso, com valores da temperatura superficial da água do mar superiores aos atuais e ventos pouco constantes, de fraca intensidade e com orientação provável de norte e de noroeste². Esta situação só se teria alterado a partir do século V a. C., momento a partir do qual se vai dando um progressivo arrefecimento.

As vertentes e os vales estariam cobertas por uma floresta de tipo eurosiberiana, composta essencialmente por espécies climácicas e ribeirinhas, embora, à volta dos campos agrícolas, existisse um coberto arbustivo com espécies que designamos genericamente por mato. Nas zonas de grande altitude a vegetação seria herbácea e arbustiva.

² O estudo dos ventos foi efetuado para a Galiza por Monge Soares (2010) mas dada a proximidade entre as duas regiões é de crer que a situação fosse similar no Noroeste português.

3 - O POVOAMENTO

Durante o Bronze Final se, por um lado, se mantém os povoados sobre pequenas colinas no vale, por outro, consolida-se a tendência, emergente nos finais do Bronze Médio, do desenvolvimento de povoados em esporões de média altitude, na bordadura de vales agrícolas ou da plataforma litoral, com excelentes condições de visibilidade sobre o território e bem perceptíveis de longe. Tal denota-se na Sr.^a da Graça e na Sr.^a da Assunção, ambos em Monção; no Castro do Peso, em Viana do Castelo; no Castro Mau, em Ponte de Lima; no Barbudo e na Costa, em Vila Verde; em Cabanas e Santa Marta da Falperra, em Braga (Fig. 1); no Castelo de Faria e Roriz, em Barcelos; em S. Lourenço, em Esposende; em Alvarelos, na Trofa; no Monte Padrão, em Santo Tirso, entre outros.

Povoados em colinas ou relevos residuais de baixa altitude inseríveis em vales férteis, são conhecidos no Coto da Pena, Caminha; em Santo António, Viana do Castelo; em Santo Estêvão da Facha, Ponte de Lima; na Santinha, em Amares; no Alto da Cidade e no Pego, em Braga; no Crasto de Fonte Coberta, Barcelos; em Penices, Vila Nova de Famalicão; em Guifões, Matosinhos; no Barroso, Maia; no Alto de Santa Ana, em Chaves, etc. (Fig. 2).



Fig. 2 – Povoados de baixa altitude. Pego, Braga (em cima, à esquerda); Guifões, Maia (em cima, á direita) e Coto da Pena, Caminha (em baixo).

Em planaltos serranos ou em plataformas das suas vertentes bem irrigadas, permanecem, desde o Bronze Médio, os povoados da Bouça do Frade, Baião e da Tapada da Venda/Pedroso, Celorico de Basto e emergem o da Lavra, Marco de Canaveses e o da vertente nascente do Monte do Castelo, Póvoa de Lanhoso.

Os Penedos Grandes, Arcos de Valdevez, em área serrana, com profusão de abrigo graníticos e com pequenas plataformas, corresponde a um local recorrentemente ocupado, por períodos curtos, em diversos momentos do Bronze Final.

Independentemente da sua localização geomorfológica e das categorias aqui atribuídas, a dimensão destes sítios pode ser muito diversa. Se, por um lado, há povoados de grande expansão, como o da Costa e, possivelmente, o do Alto da Cidade³, outros há, como os Penedos Grandes, cuja extensão reduzida justifica a sua classificação como acampamento ou local de ocupação estacionária.

A organização interna dos povoados de média altura, na bordadura de grandes vales ou da plataforma litoral é pouco conhecida devido à inexistência de escavações em área. Sabe-se, no entanto, que teriam sido construídos essencialmente, com materiais perecíveis. As estruturas habitacionais teriam pisos de argila compactada ou de terra batida, por vezes delimitados por alinhamentos de pedras, pequenos valados ou buracos de poste. Em São Lourenço, há referências a uma construção circular efetuada com pedra miúda ligada com barro, associadas a uma ocupação entre os séculos IX a VI a.C. As fossas seriam excepcionais. Alguns destes sítios foram delimitados por construções em madeira, nomeadamente paliçadas, como parece ter sido o caso do Barbudo.

Os povoados que se localizam no seio de solos férteis e bem irrigados, quer estejam implantados em planaltos, em plataformas de vertentes ou em colinas no seio de vales ou da plataforma litoral, apresentam uma organização interna distinta.

Em primeiro lugar, são portadores de inúmeras fossas abertas nos sedimentos e no substrato rochoso, não raro com sobreposições, frequentemente agrupadas em núcleos e, por vezes, em associação com buracos de poste. Tal indicia que estariam no interior de estruturas cobertas, tal como se verifica para o Bronze Médio. O caso mais significativo é o da primeira ocupação da Santinha onde, um murete associado a buracos de poste, delimitava várias fossas.

Nestes lugares foram igualmente detetados pavimentos em terra batida ou em argila “e buracos de poste de cabanas erguidas com materiais perecíveis, provavelmente revestidas com argila seca ao sol, o que permitiria uma forte impermeabilização. Análises de antracologia indiciam que foram usadas nestas construção troncos e ramos de carvalho e de giestas, ou seja, materiais provenientes da floresta climácica e do mato (Figueiral & Bettencourt 2004), a indiciar a existência respectivamente, de distintos nichos ecológicos nas imediações dos povoados. De notar que a giesta fresca é um excelente isolante do calor e da humidade.

Alguns destes povoados foram delimitados por paliçadas (última ocupação do Pego) ou por muros de contenção de terras, proporcionando terraços artificiais nas vertentes (Santinha) (Fig. 3). O Coto da Pena, talvez pela sua posição mais litoral e, por conseguinte, mais sujeito a influências exógenas por via litoral, apresenta uma petrificação precoce das cabanas (que não sabemos se era total) e uma muralha de pedra. O Alto de Santa Ana foi igualmente rodeado por uma muralha pétreia, situação que se deverá relacionar com a sua localização na bacia do Tâmega que, além de rica em estanho, constituiu um importante corredor de circulação e de contatos entre os mundos atlânticos e meridionais. Só na fase terminal da Idade do Bronze ou já nos inícios da Idade do Ferro, pelo séc. VI a.C., se constrói a muralha mais antiga em Penices que se sobrepõe a diversas ocupações anteriores.

³ Tendo em conta a área de dispersão de materiais deste período encontradas em escavações de Braga, nomeadamente sob o Museu D. Diogo de Sousa.

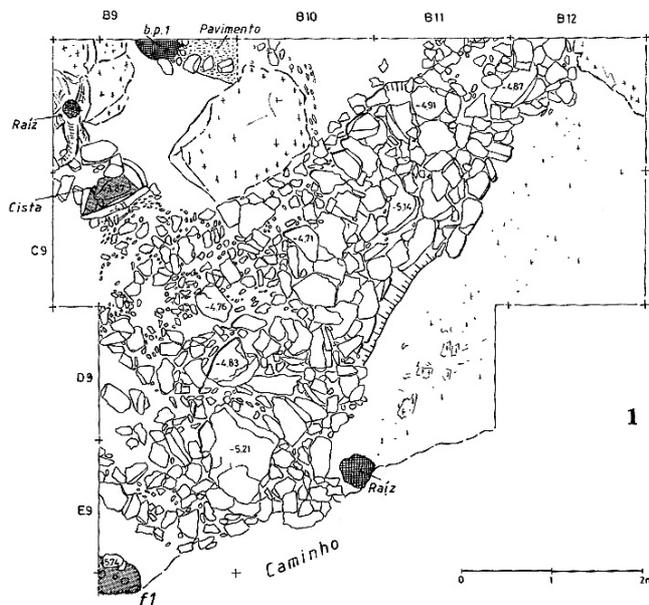


Fig. 3 – Vala de contenção de paliçada durante a última ocupação do Pego, Braga (cf. SAMPAIO *et al.*, 2008) e muro de contenção de terras da Santinha, Amares (cf. BETTENCOURT, 2001a).

Assim sendo, o processo de amuralhamento durante o Bronze Final do Noroeste, teria sido raro, tal como vem sendo assinalado desde a década de 90 (JORGE, 1997; BETTENCOURT, 1999) ao contrário do que muitos autores têm acentuado baseados em pressupostos não arqueográficos, e deverá associar-se a processos assimétricos de demonstração e afirmação de identidade e de poder. Perante a diversidade de situações, também será necessário destrinçar, de futuro, o que terá resultado de uma tradição cultural, com origens anteriores, em que a limitação do espaço residencial, parece ser uma característica importante, de outros fenómenos inovadores.

Perante esta diversidade de lugares residenciais colocámos, primeiro para o vale do Cávado (BETTENCOURT, 1999, 2000 c), a hipótese de que poderia ter existido um povoamento hierarquizado, não na lógica processual mais ortodoxa, mas na perspetiva de que as populações dos diversos tipos de povoados estariam conetadas numa rede de interações complexas em que os povoados nas bordaduras dos vales e sem presença de fossas, seriam os principais referentes no território (até pela sua localização em zonas de passagem entre o vale e os planaltos, com domínio sobre as grandes vias de circulação). Os restantes corresponderiam a lugares para onde a totalidade ou parte da populações se deslocaria, em determinadas épocas do ano, num desdobramento e complementaridade exigido pela diversidade das suas atividades subsistenciais, entre outras. Tal hipótese explicaria as sobreposições e remodelações de fossas que alguns povoados apresentam, como é o caso da Santinha I e II. Para elaborar tal modelo, além dos dados arqueológicos, inspirámo-nos, também, no sistema tradicional de povoamento existente para grande parte do Entre Douro e Minho setentrional, até aos meados do séc. XX, ou seja, o sistema de desdobramento entre brandas e inverneiras, com a sua grande heterogeneidade.

O avanço da investigação no Noroeste português tornou exequível o alargamento desta hipótese, pelo que é provável que estratégias do povoamento similares, mas não necessariamente iguais, se tivessem verificado noutras bacias fluviais onde coexistem povoados de altura com povoados de vertente ou de vale, “com estruturas em fossas, aparentemente contemporâneos uns dos outros (BETTENCOURT, 2009)”. Os diversos acampamentos de montanha dos Penedos Grandes, na bacia do Lima, região onde também ocorrem diferentes estratégias de povo-

amento no Bronze Final, só se compreende numa lógica de ocupação do espaço onde existiriam povoados sedentários a par de outros de natureza sazonal.

4 - MODOS DE SUBSISTÊNCIA

As diferentes estratégias de ocupação do território contribuíram para a “exploração” dos diferentes “recursos”, provavelmente não entendidos apenas como tal pelas comunidades que deles usufruíram.

Os resultados polínicos, antracológicos e carpológicos de contextos do Bronze Final indiciam um aumento da antropização (como desflorestações, incêndios e atividades agrárias), com conseqüente degradação do bosque tradicional, paulatinamente substituído pelo mato e pelas plantas sinantrópicas (ervas daninhas), características que evidenciam uma atividade agropastoril mais sistemática e consolidada do que nos períodos anteriores, assente na complementaridade da exploração dos recursos dos planaltos e dos vales.

Os dados paleocarpológicos admitem o desenvolvido de uma agricultura pautada pelo cultivo dos cereais de primavera/verão e de inverno (milho miúdo, trigo e centeio) que se complementariam com as leguminosas (ervilhas e favas), assim como com a criação de gado caprino, ovino, suíno e bovino (BETTENCOURT, 1999, 2000 c, 2007, 2009; TERESO, 2012).

É de destacar a emergência do milho-miúdo no Bronze Médio, de forma tímida, e a sua expansão no Bronze Final, cereal que permitiria duas colheitas por ano (BETTENCOURT, 1999, 2000 c, 2007, 2009; TERESO, 2012).

O cultivo desta espécie é também uma importante estratégia contra a fome no caso da existência de problemas que as colheitas de inverno. As diferentes espécies cultivadas revelam, o uso de diferentes solos com distintas condições de humidade e de exposição solar, ou seja, estratégias que terão permitido às comunidades deste período uma exploração intensa do seu território uma maior sedentarização, fatores que deverão ter estimulado, entre outros, fenómenos de territorialização e suas conseqüentes materializações.

Foram ainda detetados restos de canídeos, assim como indícios de atividades recoletoras e piscatórias significativas. Colheram-se bolotas, peras, uvas e, eventualmente, sorva. O mel foi usado pois encontraram-se restos da utilização da cera em atividades metalúrgicas. Nos povoados do litoral recolheram-se e consumiram-se caramujos, lapas, mexilhões e ostras.

5 - ATIVIDADE MINEIRA E METALÚRGICA

Durante o Bronze Final acentua-se a extração de estanho (de notar a proximidade entre muitos povoados e jazidas de cassiterite (Penices, em Vila Nova de Famalicão; Faria e Alto da Torre, em Barcelos; Santo Estevão da Facha, em Ponte de Lima; Coto da Pena, em Caminha; Sr.^a da Graça e Sr.^a da Assunção, em Monção; Alto de Santa Ana, em Chaves, entre outros) e a produção e circulação de artefactos metálicos em bronze, de tradição local ou de inspiração forânea (atlântica ou mediterrânica) o que revela o aumento de contatos diretos ou indiretos entre as comunidades do noroeste, ricas em estanho, com as de regiões ricas em cobre, como o sudoeste peninsular e as Astúrias, ou mesmo com populações forâneas que aportassem ao litoral norte, como os fenícios, por exemplo.

Em bronze fabricaram-se, manipularam-se e amortizaram-se novos objetos metálicos, normalmente individualizados em diferentes categorias, como armas (espadas, pontas de lança, punhais), objetos “utilitários” (machados, foices, fúrculas, caldeiros) e artefatos de adorno (braceletes, fíbulas, entre outros), acusando não só novas tecnologias, como concepções ideológicas, ações, ritos e relações sociais inovadoras em relação ao Bronze Médio.

Os dados relacionados com o processo metalúrgico são escassos mas mesmo assim importantes, ao indicarem produções de pequena escala em diferentes tipos de sítios arqueológicos, embora desconheçamos se os artefatos eram realizados por artesãos locais ou por metalurgistas que percorreriam vários povoados, numa determinada área, satisfazendo as necessidades de diferentes comunidades. Pensamos até que esta hipótese é a mais exequível (BETTENCOURT, 1999) pois explicaria a fraca quantidade de dados relacionados com o processo produtivo e a rápida transmissão de notícias, conhecimentos e ideias.

Conhecem-se moldes em pedra, argila e em cera perdida, um tesselo, tubeiras em argila, fragmentos de cadinhos cerâmicos e lingotes (Fig. 4) a evidenciar a produção local (COFFYN, 1985; MARTINS, 1988; BETTENCOURT, 1988, 1999, 2000 a, 2000 b, 2001 a, 2001 b, 2009; SAMPAIO *et al.*, 2008; SAMPAIO & BETTENCOURT, 2011; BOTTAINI, 2012).

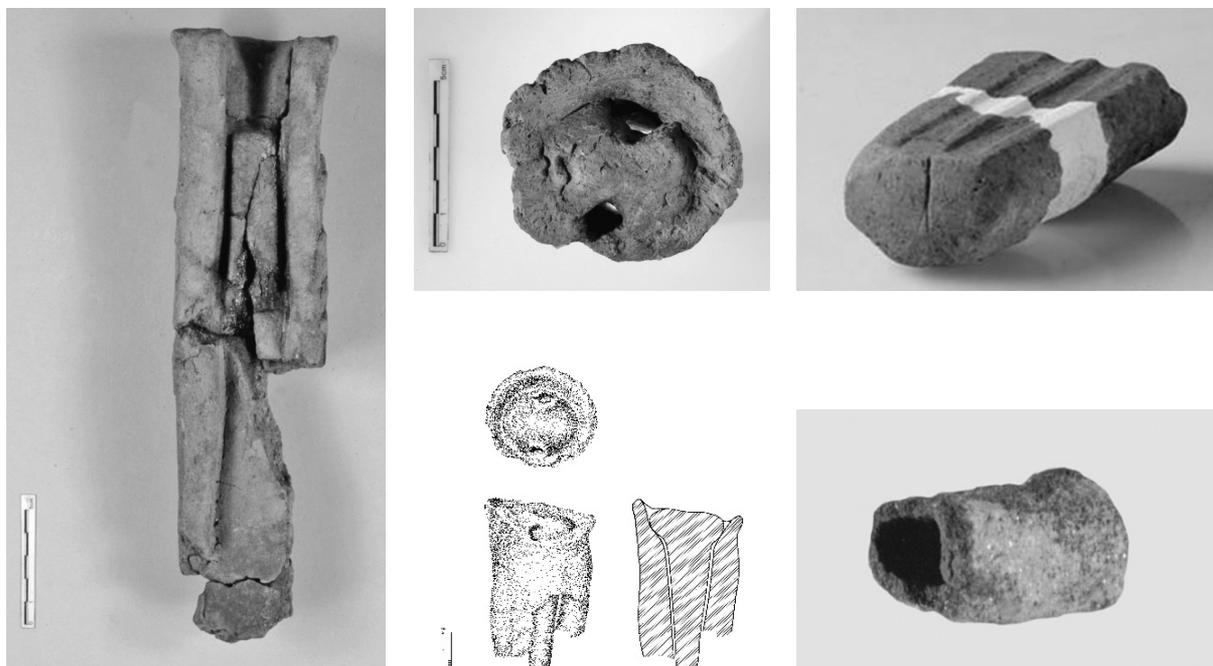


Fig. 4 – Moldes em cerâmica, cera perdida e pedra encontrados em diversos locais do Bronze Final do Norte de Portugal. Da esquerda para a direita: molde cerâmico de machado de talão do Pego, Braga (cf. SAMPAIO & BETTENCOURT, 2011); fragmento de molde em cera perdida de ponta de lança encontrado no Pego, Braga (cf. SAMPAIO & BETTENCOURT, 2011); molde de barras da Santinha, Amares (cf. BETTENCOURT, 2001 a); fragmento de molde ou de tubeira de S. Julião, Vila Verde (cf. BETTENCOURT, 2000 a).

A manipulação de muitas das peças metálicas em novos cenários de ação, como povoados (de vale, de vertente ou de altura) e lugares naturalmente ou artificialmente monumentais, indicia, igualmente, uma sociedade em mudança. Mas o Bronze Final é um período de mudança em continuidade pelo que perduram muitos dos lugares tradicionais de deposição de artefactos metálicos. Referimo-nos aos contextos aquáticos, de margem ou relacionados com penedos, materializando a importância simbólica e coletiva de alguns *loci* “naturais” ou potenciando a importância de outros já conhecidos e frequentados desde o Bronze Médio ou mesmo em períodos anteriores.

A título de exemplo destacamos os machados de alvado, inacabados, encontrados nos rios Lima e Cávado que parecem celebrar as águas, as propriedades ou os espíritos desses rios, em zonas tradicionais de passagem. Em lugares de margem, registamos o depósito de machados de talão de Faldejães, Ponte de Lima, efetuado num terraço fluvial e assinalando e comemorando, certamente, um dos lugares de passagem do rio Lima, no limite de um dos seus corredores naturais de circulação mais importantes, a foz do rio Labruge (Fig. 5).

De destacar, ainda, o lugar de Moinhos de Golas, Montalegre, onde diversos artefatos metálicos se associam a diferentes afloramentos em lugar de penedia de grande impressividade (Fig. 6) (FONTES *et al.*, 2013) demonstrativos da simbiose entre a tradição atlântica e a mediterrânica, comum na bacia do Tâmega, nos finais da Idade do Bronze.

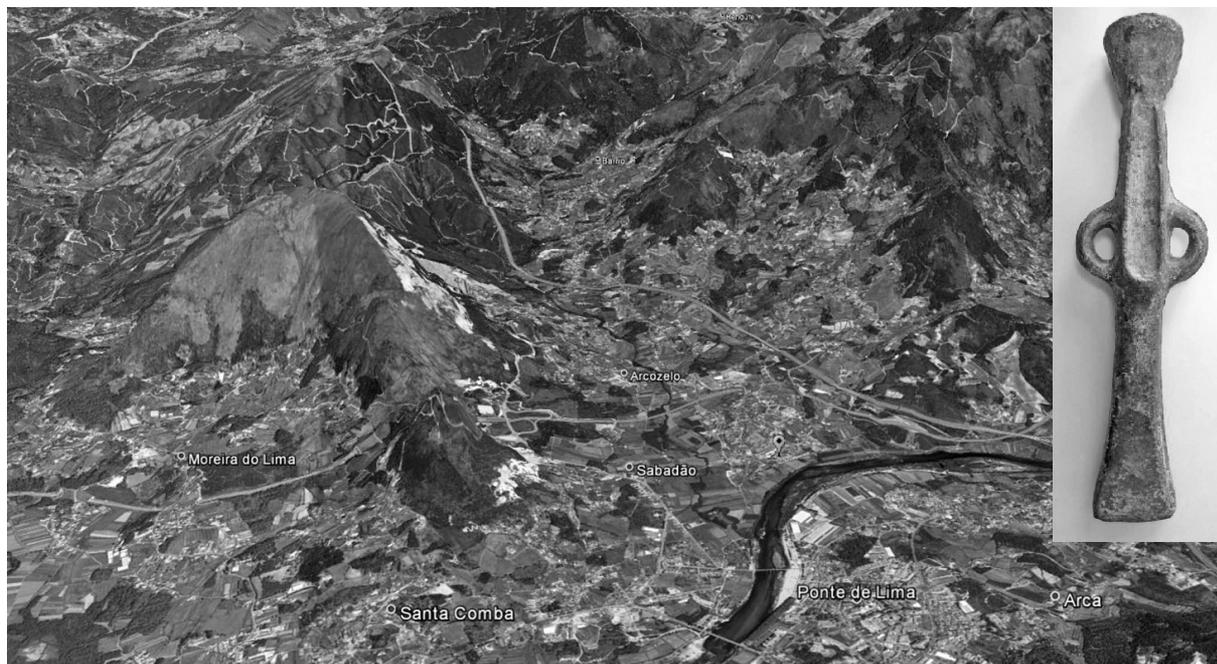


Fig. 5 – Localização do depósito de talão de Faldejães, Arcozelo, Ponte de Lima.

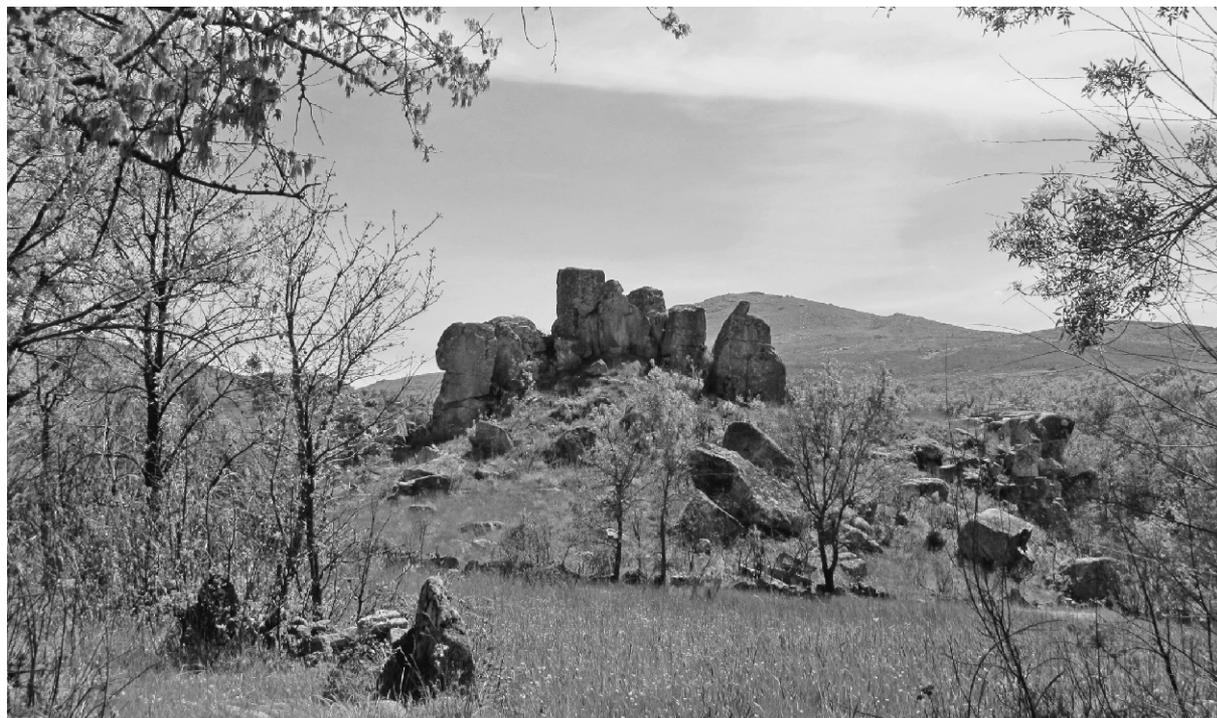


Fig. 6 – O lugar de Moinhos de Golas, Montalegre, onde foram encontrados inúmeros artefatos metálicos em diversos locais.

6 - OS MORTOS

Associados ao mundo dos mortos mantêm-se alguns dos contextos precedentes, como as cistas retangulares (Monte da Ola, Viana do Castelo e Curvos, Esposende); as estruturas cistóides (Santinha, Amares); os monumentos sob tumuli de pequenas dimensões (Sr.^a da Ouvida, Castro Daire) e a reutilizações de monumentos megalíticos (Chafé, Viana do Castelo) (BETTENCOURT, 2008, 2010a, 2010b) embora se assista à construção excepcional de grandes arquiteturas monumentais que cobrem intencionalmente abrigos graníticos (Cova da Moura, em Viana do Castelo) (Fig. 7). Perpetua-se a prática da inumação individual, pelo menos numa etapa mais antiga, provavelmente em coexistência com ritos de cremação ou de exposição dos cadáveres que deverão ter-se desenvolvido consideravelmente, na etapa mais recente do Bronze Final. Tal hipótese de trabalho explicaria o menor número de contextos funerários conhecidos durante este período.

As oferendas funerárias são discretas, com persistências de formas cerâmicas tradicionais (ex. vasos de largo bordo na fase mais antiga), embora se note a introdução de formas usadas noutros contextos de ação (ex. taças carenadas e potes) (BETTENCOURT, 2010a). À semelhança do centro-norte, regista-se a presença discreta de artefactos metálicos em alguns contextos funerários (ex. Cova da Moura, onde foi depositada uma foice em contexto de cremação). A fraca “especialização” das oferendas talvez indicie que os atos relacionados com a morte se inter-relacionam com ações e contextos do mundo dos vivos, pelo menos em termos simbólicos. Perpetua-se, pois, a morte familiar em que a maioria dos cadáveres perde o seu estatuto de agregador coletivo e de legitimador do território (BETTENCOURT, 2008, 2010a, 2010b).

As alterações em continuidade notadas nos contextos e nas práticas funerárias permitem colocar a hipótese de que as novas concepções do mundo, da sociedade e dos indivíduos, patentes nos finais do Bronze Final, resultam de processos lentos e assimétricos.

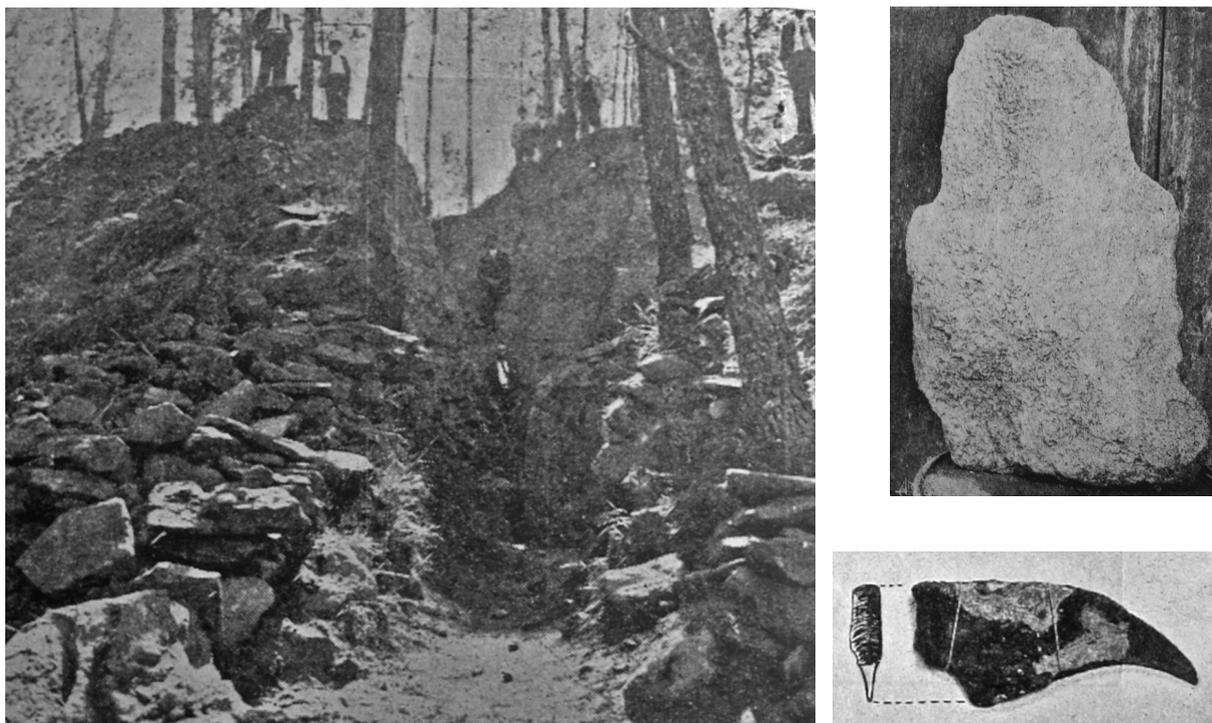


Fig. 7 – Monumento funerário de grandes dimensões da Cova da Moura, Carreço, Viana do Castelo, e alguns dos achados (estela e fragmento de foice de talão) ocorridos durante as escavações de 1930 realizadas por Abel Viana (cf. VIANA, 1955).

7 - LUGARES CERIMONIAIS DE IMPORTANTE SIGNIFICAÇÃO COLETIVA

Na presunção de que as populações se movem num espaço que incorporaram e com o qual se inter-relacionam, nas suas mais diversas atividade do dia a dia, e de que esse espaço é pautado por inúmeros lugares significantes, de maior ou menor importância coletiva, que ultrapassam as divisões tradicionais de povoados, necrópoles e depósitos, há que acrescentar outras categorias de *loci* que foram frequentados, materializados e celebrados pelas populações durante o Bronze Final.

Em primeiro lugar, referimo-nos a alguns lugares excecionais em termos geomorfológicos, situados em locais marcantes e impressionantes, que se percebem de longe, de onde é possível visualizar um amplo espaço circundante e onde se efetuaram grandes investimentos construtivos e se manusearam e ou depositaram *itens* de exceção (cerâmicos, metálicos ou outros). Referimo-nos ao que designámos por recintos monumentalizados e nos quais incluímos hipoteticamente S. Julião, em Vila Verde; Alto da Pena, em Ponte de Lima e Castelo de Matos, em Baião (Fig. 8).



Fig. 8 – São Julião, Vila Verde (à esquerda) e Castelo de Matos, Baião, visto de longe (cf. CRUZ, 2013).

Na sua multiplicidade de facetas, seriam lugares de encontro entre populações ligadas por laços de parentesco, de grande significação social e ideológica, relacionados com novas cosmovisões que fomentariam a celebração de fenómenos de identidade social, de territorialização e de legitimação de grupos de poder à escala local (BETTENCOURT, 2009). Não excluimos que possam ter residido pessoas nestes lugares para onde convergem diferentes atividades e onde os indivíduos partilham experiências que envolvem todo um conjunto de ações e de cerimónias de carácter público que implicam as próprias construções monumentais, o manuseamento de artefactos metálicos, entre outros *itens* de grande simbolismo.

Destacamos, também, alguns acidentes geomorfológicos cuja significação coletiva, na longa duração, se materializou pelo número considerável de ações que culminaram em deposições metálicas em diferentes lugares das suas vertentes, como é o caso do Monte da Pena, em Guimarães (Fig. 9) e do Monte da Saia, em Barcelos indiciando a importância dos espaços ditos “naturais” na cosmogonia destas populações (SAMPAIO *et al.*, 2009; SAMPAIO, 2011).

Os contextos de “deposição/localização” de estátuas-menires terão sido, igualmente, *loci* de grande significação simbólica, que, quanto a nós, materializam a importância de lugares de encontro e de passagem (BETTENCOURT, 1995; JORGE, 1997; 1999) ou celebram lugares de alianças entre diferentes comunidades regionais e transregionais,

existentes nas proximidades de recursos mineiros ou ao longo de vias de acesso a esses “recursos” (BETTENCOURT, 2005b), mas, também, a importância simbólica do corpo e do espírito de algumas personagens reais ou míticas (BETTENCOURT, 2008, 2009 a, 2010 a) que, de algum modo, parecem contar histórias relacionadas com a importância mágico-simbólica da metalurgia.

A importância dos lugares ricos em estanho e da atividade mineira e metalúrgica na cosmogonia do Bronze Final está patente na representação de armas em determinadas estátuas-menires ou estelas (BETTENCOURT, 2005b) a par de outros motivos. Se bem que alguns destes imóveis possam ser mais antigos, a importância simbólica dos lugares onde foram erguidos manteve-se ativa até ao Bronze Final, tendo presente a adição de novos estátuas e estelas com iconografia do sudoeste peninsular.

Um caso paradigmático é o da bacia do Tâmega onde se conhecem, pelo menos, as estátuas-menires de Faiões (ALMEIDA & JORGE 1979), de Chaves (JORGE & ALMEIDA, 1980), de Muiño de San Pedro (BETTENCOURT, 2005b) e da Pedra Alta (REBOREDA CARREIRA & NIETO MUÑIZ, 2012) e as estelas de Monte de Forninhos / Castelões (inéditas) (Fig. 10).

Esta bacia fluvial seria abundante em cassiterite e ouro de aluvião, pelo que a marcação e celebração do “caminho do minério” e das propriedades dessas matérias estaria inter-relacionada com histórias reais e míticas que evocariam feitos heroicos e personagens masculinas, reconhecíveis por grande parte da população. Esta região é, também, sumamente importante na medida em que materializa o cruzamento de duas tradições culturais distintas: a atlântica, patente nas estátuas-menires que personificam a entidade humana e a relacionam com o punhal e o motivo sub-retangular e a mediterrânica, onde a figura humana está apenas gravada em associação com o escudo, a lança e a espada. De notar a estátua-menir da Pedra Alta que faz a simbiose das duas tradições.

Esta bacia fluvial seria abundante em cassiterite e ouro de aluvião, pelo que a marcação e celebração do “caminho do minério” e das propriedades dessas matérias estaria inter-relacionada com histórias reais e míticas que evocariam feitos heroicos e personagens masculinas, reconhecíveis por grande parte da população. Esta região é, também, sumamente importante na medida em que materializa o cruzamento de duas tradições culturais distintas: a atlântica, patente nas estátuas-menires que personificam a entidade humana e a relacionam com o punhal e o motivo sub-retangular e a mediterrânica, onde a figura humana está apenas gravada em associação com o escudo, a lança e a espada. De notar a estátua-menir da Pedra Alta que faz a simbiose das duas tradições.

Outra categoria de *loci* integrados nas cosmologias do Bronze Final foram alguns afloramentos com gravuras rupestres de ar livre, de difícil remoção que, desde tempos imemoriais, marcaram, celebraram, potenciaram e adicionaram sentidos aos lugares onde se encontram (BETTENCOURT, 2009). É possível que alguns destes lugares onde se gravaram barquiformes, cenas de equitação esquematizadas e círculos segmentados, em situação periférica às restantes composições circulares, possam ter estado ativos durante o Bronze Final. Os barquiformes são nítidos na Laje da Churra, em Carreço, Viana do Castelo (Fig. 11).

Cenas de equitação podem encontrar-se na rocha 2 da Quinta da Barreira, Monção, na Chão do Cano, Caminha, na Breia 1 e no Calvo/Lajão, ambos em Viana do Castelo. Talvez a mesma cronologia se possa presumir em relação a Fornelos, Viana do Castelo, com quadrúpedes esquemáticos montados. Como hipótese de trabalho temos vindo a atribuir os círculos segmentados, raros em painéis com gravuras de “tipo atlântico ou esquemático”, ao Bronze Final, tendo em conta a sua similitude com representações de rodas de carros, existentes nas estelas do Sudoeste peninsular, assim como a sua reprodução em artefactos metálicos, como o pendente encontrado em Santo Estêvão da Facha, Ponte de Lima, ou as rodas do carro de Baiões, Viseu (BETTENCOURT, 2007, 2010 c). Neste caso, sítios como a Bouça da Cova da Moura/Ardegães, na Maia e o Crastoeiro 1, em Mondim de Basto,



Fig. 9 – Aspeto do caos de blocos do Monte da Penha, Guimarães, antes da florestação (cf. SAMPAIO *et al.*, 2009).

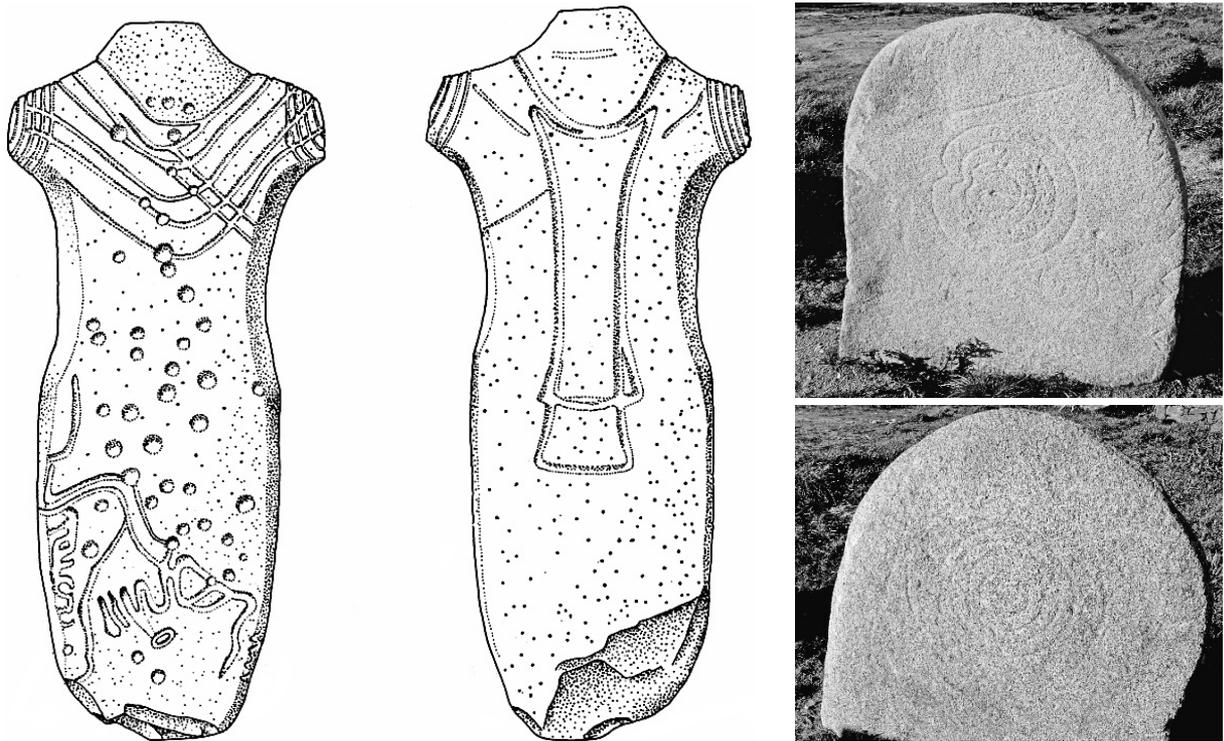


Fig. 10 – Estátua-menir de Faiões (cf. ALMEIDA & JORGE, 1979) e estelas do Monte de Forninhos, lugar de Castelões, freguesia de Calvão, concelho de Chaves.

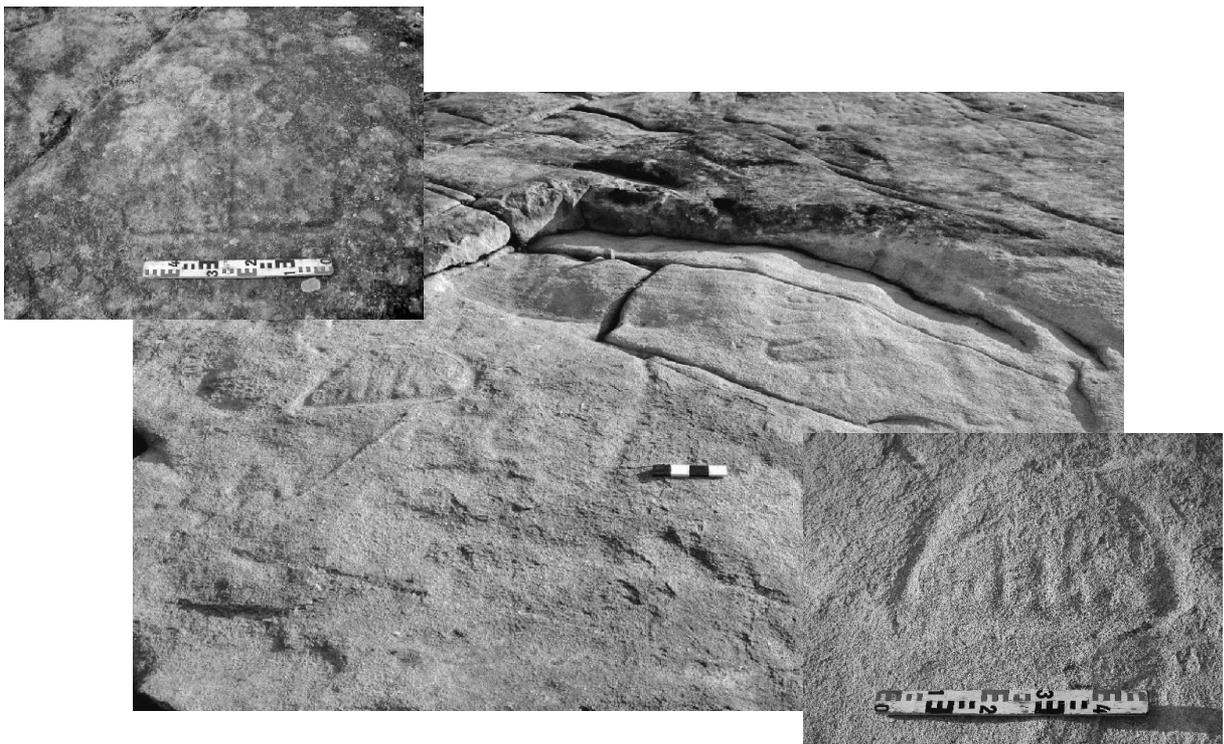


Fig. 11 – Pormenor de barquiformes gravados na Laje da Churra, Carreço, Viana do Castelo.

para além da Breia 1 (Fig. 12) e da Laje da Churra, entre muitos outros, teriam continuado atuantes durante este período.



Fig. 12 – Decalque das gravuras rupestres da Breia 1, Viana do Castelo, onde se podem ver alguns cavaleiros com armas e círculos segmentados que, por vezes, se sobrepõem a outros motivos (decalque cedido pelo Museu D. Diogo de Sousa, Braga).

Em suma, as populações do Bronze Final do Noroeste de Portugal viveram, circularam, interagiram e experienciaram uma paisagem pautada por um conjunto de lugares portadores de sentidos, de histórias e de importância coletiva distintas, embora interligados por uma rede complexa de memórias e de ações.

AGRADECIMENTO

Trabalho realizado no âmbito do projeto *Espaços Naturais, Arquiteturas, Arte rupestre e Deposições na Pré-história Recente da Fachada Ocidental do Centro e Norte Português: das Ações aos Significados* – ENARDAS (PTDC/HIS-ARQ/112983/2009), financiado pelo Programa Operacional Temático Fatores de Competitividade (COMPETE) e comparticipados pelo Fundo Comunitário Europeu FEDER.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, C. A. F.; SOEIRO; C. A. B. ALMEIDA & A. BAPTISTA (1981) – Escavações arqueológicas em Santo Estevão da Facha. *Arquivo de Ponte de Lima* 3: 3-90.
- ALMEIDA, C. A. F. & JORGE, V. O. (1979) – *A estátua-menir de Faiões (Chaves)*. Trabalhos do Grupo de Estudos Arqueológico do Porto 2. Porto: GEAP.
- ALMEIDA, C. A. B.; ABREU, A.; BAPTISTA, A. & VIANA, J. (1985) – Relatório das escavações do Castro do Peso. *Cadernos Vianenses* 9: 263 – 281.
- BETTENCOURT, A. M. S. (1988) – Novos achados metálicos do Bronze Final na bacia do médio Cávado – *Cadernos de Arqueologia* 5: 9-22.
- BETTENCOURT, A. M. S. (1995) – Dos inícios aos finais da Idade do Bronze no Norte de Portugal. In: I. Silva (coord.) *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos do Poder*. Lisboa: Instituto Português de Museus: 110-115.
- BETTENCOURT, A. M. S. (1999) – *A Paisagem e o Homem na bacia do Cávado durante o II e o I milénios AC*. 5 vols. Braga: Universidade do Minho (Tese de Doutoramento – policopiada).
- BETTENCOURT, A. M. S. (2000 a) – *O povoado de S. Julião, Vila Verde, Norte de Portugal, na Idade do Bronze e na Transição para a Idade do Ferro*, Cadernos de Arqueologia – Monografias 10. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.
- BETTENCOURT, A. M. S. (2000 b) – *Estações da Idade do Bronze e Inícios da Idade do Ferro da bacia do Cávado (Norte de Portugal)*, Cadernos de Arqueologia – Monografias 11. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.
- BETTENCOURT, A. M. S. (2000 c) – O vale do Cávado (Norte de Portugal) dos finais do III milénio aos meados do I milénio AC: sequências cronológico-culturais. *Pré-História Recente da Península Ibérica. Actas do IIIº Congresso de Arqueologia Peninsular, Porto 1999*. Porto: ADECAP, 79-93.
- BETTENCOURT, A. M. S. (2001 a) – *O povoado da Santinha, Amares, Norte de Portugal, nos finais da Idade do Bronze*. Cadernos de Arqueologia – Monografias 12. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.
- BETTENCOURT, A. M. S. (2001 b) – Aspectos da metalurgia do bronze no Entre-Douro-e-Minho, no quadro da Proto-História do Noroeste Peninsular. *Arqueologia* 26: 13-40.
- BETTENCOURT, A. M. S. (2005 a) – O que aconteceu às populações do Bronze Final do Noroeste de Portugal, no segundo quartel do I milénio AC, e quando começou, afinal, a Idade do Ferro? *Actas do Colóquio Internacional Castro, um lugar para habitar*. Cadernos do Museu 11. Penafiel: Câmara Municipal de Penafiel, 25-40.
- BETTENCOURT, A. M. S. (2005 b) – A estatuária. In: J. M. Hidalgo Cuñarro (coord.) *Arte e Cultura de Galicia e Norte de Portugal. Arqueoloxía*. Vol. I. Vigo: Nova Galicia Edicións S.L.: 166-177.
- BETTENCOURT, A. M. S. (2007) – *Arqueologia Pré-Histórica Peninsular II*. Esposende (Relatório Apresentado para Provas de Agregação à Fac. Letras da Univ. do Minho – Policopiado).
- BETTENCOURT, A. M. S. (2008) – Life and death in the Bronze Age of the NW Iberian Peninsula. In: F. Fahlander & T. Oestigaard (eds.) *The Materiality of Death-Bodies, Burials, Beliefs*. BAR International Series 1768. Oxford: Archeopress, 99-104.

- BETTENCOURT, A. M. S. (2009) – A Pré-História do Minho: do Neolítico à Idade do Bronze. In: P. Pereira (coord.) *Minho. Traços de Identidade*. Braga: Conselho Cultural da Universidade do Minho, 70-113.
- BETTENCOURT, A. M. S. (2010 a) – La Edad del Bronce en el Noroeste de la Península Ibérica: una análisis a partir de las prácticas funerárias. *Trabajos de Prehistoria* 67 (1): 139-173.
- BETTENCOURT, A. M. S. (2010 b) – Burials, corpses and offerings in the Bronze Age of NW Iberia as agents of social identity and memory. In: A. M. S. Bettencourt, M. J. Sanches, L. B. Alves & R. Fábregas Valcarce (eds.) *Conceptualizing space and place. On the role of agency, memory and identity in the construction of space from the Upper Paleolithic to the Iron Age in Europe. Proceedings of the 15th Congress of the International Union for Prehistoric and Protohistoric Sciences, Lisbon, September 2006*. BAR-S2058 International Series. Oxford: Archaeopress, 33-45.
- BETTENCOURT, A. M. S. (2010 c) – Comunidades pré-históricas da bacia do Leça. In: J. Varela & C. Pires (coords.) *O Rio da Memória: Arqueologia no Território do Leça*. Matosinhos: Câmara Municipal, 33-88.
- BOTTAINI, C. (2012) – *Depósitos metálicos no Bronze Final (sécs. XIII-VII a.C.) do Centro e Norte de Portugal. Aspectos Sociais e Arqueometalúrgicos*. Coimbra: Universidade de Coimbra (tese de doutoramento – policopiada).
- COFFYN, A. (1985) – *Le bronze final atlantique dans la Péninsule Ibérique*. Paris: Diffusion du Bocard.
- CRUZ, D. J. (2013) – Serra da Aboboreira, Amarante, Baião, Marco de Canaveses. In: A. M. S. Bettencourt *A Pré-História do Noroeste Português/The Prehistory of the Northwestern Portugal*, Territórios da Pré-História em Portugal, vol. 2, Braga /Tomar: CEIPHAR/CITCEM (E. bilingue).
- FÁBREGAS R.; MARTÍNEZCORTIZAS A.; BLANCO R. & CHESWORTH, W. (2003) – Environmental change and social dynamics in the second-third millenium BC in NW Iberia. *Journal of Archaeological Science* 30: 859-871.
- FIGUEIRAL, I. & QUEIROGA, F. M. V. R.; (1988) – Castelo de Matos. 1982-86. *Arqueologia* 9: 67-69.
- FIGUEIRAL, I. & BETTENCOURT, A. M. S (2004) – Midle/Late Bronze Age plant communities, and their exploitation, in the Cávado Bassin (NW Portugal) as shown by charcoal analysis: the significance and co-occurrence of Quercus (deciduous) – Fabaceae. *Vegetation History and Araeobotanic* 13: 219-232.
- FONTE, J.; BETTENCOURT, A. M. S. & FIGUEIREDO, E. (2013) – Deposições metálicas do Bronze Final no vale do Assureira. O caso do sítio de Moinhos de Golas (Solveira, Montalegre, Norte de Portugal). *Estudos do Quaternário* 9: 29-32.
- JORGE, S.O. (1988) – *O povoado da Bouça do Frade (Baião) no quadro do Bronze Final do Norte de Portugal*. Monografias Arqueológicas do GEAP – 2. Porto: Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto.
- JORGE, S. O. (1997) – O Bronze Final no Norte de Portugal: uma história em discussão. In: A. Redentor (ed.) *O I milénio a.C. no Noroeste Peninsular: A fachada atlântica e o interior*. Bragança: Parque Nacional de Montesinho, 13-22.
- JORGE, S. O. (1999) – *Domesticar a Terra*. As primeiras comunidades agrárias em território português. Lisboa: Gradiva.
- JORGE, V. O. & ALMEIDA, C. A. F. (1980) – *A estátua-menir fálica de Chaves*. Trabalhos do Grupo de Estudos Arqueológico do Porto 6. Porto: GEAP.
- MARQUES, J. M. (1985) – *Castros do concelho de Monção*. Porto: Universidade do Porto (Prova de Capacidade Científica e Aptidão Pedagógica – Policopiada).

- MARTÍNEZ CORTIZAS A.; COSTA M. & LÓPEZ SÁEZ J. A. (2009) – Environmental change in NW Iberia between 7000 and 500 cal BC. *Quaternary International* 200: 77-89.
- MARTINS, M. M. R. (1985) – Sondagens arqueológicas no castro do Monte Padrão, em Santo Tirso. *Cadernos de Arqueologia* 2: 217-230.
- MARTINS, M. M. R. (1988) – *A Citânia de S. Julião, Vila Verde*, Cadernos de Arqueologia – Monografias 2. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.
- MARTINS, M. M. R. (1989) – *O castro do Barbudo, Vila Verde. Resultado das campanhas realizadas entre 1981-1985*, Cadernos de Arqueologia – Monografias 3. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.
- MARTINS, M. M. R. (1990) – *O povoamento proto-histórico e a romanização da bacia do curso médio do Cávado*. Cadernos de Arqueologia – Monografias 5. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.
- QUEIROGA, F. M. V. R. (1992) – *War and castros. New approaches to the northwestern portuguese Iron Age*. Oxford (Dissertação de doutoramento apresentada à Universidade de Oxford – Policopiada).
- REBORDA CARREIRA, A. & NIETO MUÑIZ, E. B. (2012) – *A Pedra Alta de Castrelo do Val. Peza do Mes*. Ourense: Museo Arqueolóxico Provincial de Ourense, Xunta de Galicia (http://www.musarqourense.xunta.es/wp-content/files_mf/pm_2012_10_gal.pdf).
- SAMPAIO, H. A. (2011) – O papel social das amortizações metálicas na estruturação da paisagem da Idade do Bronze do Noroeste português: os Montes da Penha (Guimarães) e da Saia (Barcelos). In: C. Martins, A. M. S. Bettencourt, J. I. F. P. Martins & J. Carvalho (eds.) *Povoamento e Exploração de Recursos Mineiros na Europa Atlântica Ocidental*. Braga: CITCEM / APEQ, 31-53.
- SAMPAIO, H. A. & BETTENCOURT, A. M. S. (2011) – Produção e práticas metalúrgicas da Idade do Bronze no Noroeste português. O caso do Pego, Braga. In: C. Martins, A. M. S. Bettencourt, J. I. F. P. Martins & J. Carvalho (eds.) *Povoamento e Exploração de Recursos Mineiros na Europa Atlântica Ocidental*. Braga: CITCEM / APEQ, 391-407 .
- SAMPAIO, H. A., BETTENCOURT, A. M. S.; BARBOSA, R.; DINIS, A. & CRUZ, C. (2008) – A importância do povoado do Pego no Bronze Final do Noroeste de Portugal. In: E. Ramil Rego (ed.) *Actas do 1 Congreso Internacional de Arqueología de Vilalba*. Férvedes 5. Villalba: Museo de Prehistoria e Arqueología de Vilalba, 227-233.
- SAMPAIO, H. A.; BETTENCOURT, A. M. S. & ALVES, M. I. C. (2009) – O Monte da Penha, Guimarães, como cenário de acções de incorporação e de comemoração do espaço, na Pré-história da bacia do Ave. In: A. M. S. Bettencourt & L. B. Alves (eds.) *Dos montes, das pedras e das águas. Formas de interacção com os espaços naturais da pré-história à actualidade*: Braga: Ed. CITCEM / APEQ, 55-76.
- SANCHES, M.J. (1995) – O povoado da Lavra, serra da Aboboreira. In: I. Silva (coord.) *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos do Poder*. Lisboa: Instituto Português de Museus, 116.
- SILVA, A. C. (1986) – *A cultura castreja no Noroeste de Portugal*, Paços de Ferreira: Câmara Municipal.
- SOARES, A. M. M. (2010) – Upwelling, efeito de reservatório, radiocarbono: construção de cronologias absolutas e inferências paleoambientais. In: A. M. S. Bettencourt, M. I. C. Alves & S. Monteiro-Rodrigues (eds.) *Variações paleoambientais e evolução antrópica no Quaternário do Ocidente Peninsular*. Braga: APEQ / CITCEM, 11-22.
- TERESO, J. (2012) – Environmental change, agricultural development and social trends in NW Iberia from the Late Prehistory to the Late Antiquity. Porto: Universidade do Porto (tese de doutoramento – policopiada).
- VIANA, A. (1955) – A Cova da Moura. *Crónica do IIIº Congresso Nacional de Arqueologia*, Zaragoza: 481-497.